ARTIGO

O CORRESPONDENTE TELEJORNALISTA: A ATUAÇÃO DO REPÓRTER RODRIGO CARVALHO NA COBERTURA DO “RESGATE DOS MENINOS DA CAVERNA”¹

EL CORRESPONSAL DE TELE PERIODISMO: EL PAPEL DEL REPORTERO RODRIGO CARVALHO EN LA COBERTURA DEL “RESCATE DE LOS NIÑOS DE LA CAVERNA”

THE TELEJOURNALISM CORRESPONDENT: THE ROLE OF REPORTER RODRIGO CARVALHO IN THE COVERAGE OF THE “RESCUE OF THE BOYS FROM THE CAVE”

Mozarth Dias de Almeida Miranda²
Gabriela Viana Ferreira Lessa³

RESUMO:

Este trabalho está distribuído em abordagens que, entrelaçados, permitem que seja exposto um panorama geral acerca do Correspondente Internacional inserido no âmbito de cobertura de tragédias. Tratando-se de um estudo de caso do resgate dos meninos da caverna, com relatos e experiências do jornalista Rodrigo Carvalho (TV Globo), e apoio de bibliografia nas áreas de jornalismo internacional e telejornalismo. Cada elemento exposto nesse artigo contribui para a melhor compreensão sobre a atuação de um correspondente nas coberturas de tragédias, bem como as características necessárias para a construção de um profissional que segue carreira no âmbito internacional.

¹ A primeira versão deste trabalho foi apresentada no GP Telejornalismo, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Autor do trabalho. Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Cognição e Linguagem – Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF), professor do Centro Universitário Fluminense (UNIFLU), jornalista. E-mail: mdam1510@gmail.com

³ Autora do trabalho. Bacharel em Jornalismo no Centro Universitário Fluminense – UNIFLU. E-mail: gvflessa@hotmail.com

PALAVRAS-CHAVE: telejornalismo; jornalismo internacional; meninos da caverna; TV Globo; reportagem.

RESUMEN:

Este trabajo presenta una descripción general del corresponsal internacional dentro del alcance de la cobertura de tragedias. Se trata de un estudio de caso del rescate de niños de las cavernas, con relatos y experiencias del periodista Rodrigo Carvalho (TV Globo), y soporte bibliográfico en las áreas de periodismo internacional y teleperiodismo. Cada elemento expuesto en este artículo contribuye a comprender mejor el papel del corresponsal en la cobertura de tragedias, así como las características necesarias para construir un profesional que siga una carrera en el ámbito internacional.

PALABRAS CLAVE: teleperiodismo; periodismo internacional; niños de las cavernas; TV Globo; reporte.

ABSTRACT:

This work presents an overview of the International Correspondent within the scope of coverage of tragedies. This is a case study of the rescue of boys from the cave, with reports and experiences by journalist Rodrigo Carvalho (TV Globo), and bibliography support in the areas of international journalism and telejournalism. Each element exposed in this article contributes to a better understanding of the role of a correspondent in covering tragedies, as well as the characteristics needed to build a professional who follows a career in the international sphere.

KEYWORDS: telejournalism; international journalism; boys from the cave; TV Globo; report.

1 - INTRODUÇÃO:

Os correspondentes internacionais se aproximam da realidade vivida no país que reside ou onde estão realizando uma determinada cobertura. Dessa forma, colhendo informações e transformando em notícia os fatos apurados no país em que estão baseados. Pisam em solos estrangeiros, vivenciam culturas e realidades completamente diferentes, lidam com outros idiomas e, por muitas

vezes, precisam fazer coberturas difíceis, que fogem a rotina de grande parte dos jornalistas, como é o caso das tragédias.

Este trabalho pretende conhecer e compreender como é feita a abordagem apurativa nos cenários de grandes tragédias e, além disso, observar de que maneira o correspondente internacional se relaciona com esse tipo de notícia. Para tanto, foi feito um estudo de caso acerca do resgate dos “Meninos da Caverna”, um time juvenil de futebol que ficou preso por dezoito dias em uma caverna na Tailândia, em 2018.

O estudo foi feito a partir das experiências do jornalista Rodrigo Carvalho, correspondente da Globo News e TV Globo, em Londres, ao retratar a tragédia com matérias veiculadas no Jornal Nacional, Fantástico e o Jornal das 10, da Globo News. Além disso, a metodologia se baseia em pesquisas bibliográficas e de caráter exploratório, com entrevista realizada com o Rodrigo Carvalho. Esse artigo é um recorte da pesquisa realizada em 2020 da jornalista Gabriela Lessa que reuniu a produção científica, e uma proposta de programa de entrevista. A partir dessa pesquisa, foi possível compreender a importância de um correspondente estar familiarizado com o contexto histórico, social e cultural para onde será enviado, com os noticiários internacionais, além do idioma. Através da entrevista com o Rodrigo e pesquisas bibliográficas, foi possível analisar as dificuldades vivenciadas na cobertura de uma tragédia, mas que um correspondente internacional preparado não encontra dificuldades na hora de exercer sua função e transmitir para o público, de forma dinâmica e simples, todos os acontecimentos.

2- A TRANSMISSÃO DA NOTÍCIA NO TELEJORNALISMO

Conforme Paternostro (1999), é possível ver como o universo da TV vive em constante “(r)evolução” apenas ao ligá-la, com o fornecimento de informação e entretenimento ao alcance de todos.

Sinais de fumaça, batidas de tambor, gestos e inscrições nos levam a refletir sobre a existência dos códigos diante de uma necessidade vital na sociedade humana: descobrir formas para superar barreiras na comunicação. Desde as conquistas mais antigas até as mais modernas, o que se depreende é que, em toda e qualquer época, o ser humano tem a necessidade de se informar e ao mesmo tempo transmitir conhecimento como uma

característica essencial para a sobrevivência. Através do tempo, o homem sistematizou sua capacidade de comunicação e, graças a ela, sobrevive. (PATERNOSTRO, 1999, p. 21)

Para reforçar o potencial de comunicação e a oferta de notícias a televisão conseguiu condensar um leque de opções para o telespectador e o telejornal foi um espaço para isso. Para Traquina (2005), o jornalismo pode ser explicado pela dúvida e/ou curiosidade que muita gente tem todos os dias, que é saber o que aconteceu ou está acontecendo no mundo, no país, na cidade, etc, e o jornalismo é o caminho para isso. Assim, “um conhecimento dos tópicos que lhes permita participar de conversas pessoais e de grupo, talvez para se sentirem reassseguradas de que através dos vários produtos do jornalismo não estão a perder algo para serem fascinadas pelas alegrias ou tragédias da vida” (p.20). Durante os primeiros 60 anos de existência, o telejornalismo se firmou como o principal meio de acesso à informação, tornando-se um mediador entre a realidade do mundo real e o telespectador. Os telejornais tornaram-se meios de abastecer os lares de todo o mundo, com notícias nacionais e internacionais; atingindo um público fiel, que enxergava o que era retratado nos noticiários televisivos como realidade inquestionável. (ALMEIDA, 2018)

O uso da imagem reforça ainda mais a informação veiculada, transmitindo a ideia de realidade — mesmo que o telespectador não tenha vivenciado os fatos diretamente. No entanto, você já parou para pensar se realmente o que se vê nos telejornais é verdade? Se há apenas uma única verdade? E se o jornalista transmitiu a informação tal como ela aconteceu? Essa discussão é antiga entre os acadêmicos da área de comunicação. A busca pela exatidão e correção dos fatos e a forma como a informação é absorvida pelo público é o que gera maior ou menor credibilidade a um noticiário. (ALMEIDA, 2018, p. 41)

Para Paternostro (2006), o exercício da imagem casada com um bom texto na TV é capaz de gerar fascínio no público. “O texto dá apoio à imagem, sem redundância, sempre cumprindo a regra da simplicidade e da emoção na medida certa, sem exageros ou sensacionalismos” (ALMEIDA, 2018, p. 52). Ainda segundo Paternostro (2006), não existe um padrão exato para a construção de um texto jornalístico, não existem fórmulas ou modelos a serem seguidos. O que existem são ideias, pensamentos e intuições, que permitem que

cada jornalista esteja livre para definir qual caminho irá seguir. (PATERNOSTRO, 2006).

Nos campos de guerra e nas tragédias o repórter é o construtor da realidade que as vítimas exprimem. Ele é uma figura que só veio a aparecer no cenário jornalístico no século XIX e a sua presença em coberturas como, por exemplo, da Guerra Civil norte-americana (1861-1865), tornou o relato do conflito mais “acessível” aos leitores. Dessa forma, seria possível ter acesso as notícias das batalhas, do desempenho dos generais, das estratégias militares, da vida nos acampamentos, etc. “O jornalismo é uma profissão de enorme responsabilidade social, exigente, difícil e, em última análise, perigosa, em que os jornalistas enfrentam decisões difíceis sob intensas pressões.” (TRAQUINA, 2005, p. 31) principalmente para os correspondentes que não possuem colegas, chefes e apoio da redação para tomar as decisões.

As agências de notícias internacionais incrementam as pautas dos telejornais ao alimentarem as emissoras com informações do mundo todo. E cabe aos jornalistas filtrar essas informações, apurando, selecionando, organizando e determinando de que forma será levado ao público. (ALMEIDA, 2018)

A maioria dos correspondentes internacionais pretende reportar mais do que o factual. Não quer se limitar a dizer como estão a economia e a política do país onde está e relatar os acontecimentos dali. Eles querem ir além da *hard news*, e mostrar as peculiaridades das pessoas de lá e como vivem. (RUSKY, 2013, p. 32)

Segundo o Rodrigo Carvalho, jornalista é jornalista 100% do tempo, mesmo que não esteja em horário de trabalho. E, com o tempo, o torna-se mais crítico no olhar e passa a ter uma perspectiva mais ampla do jornalismo. Uma certeza, cada vez maior, é a necessidade de um jornalista multitarefa, que está sendo estabelecida no mercado. Não dá pra apenas escrever pra jornal ou pra TV, é preciso saber escrever, fazer reportagem, filmar, editar, etc. Principalmente com o crescimento das redes sociais, que insere o jornalista em outro patamar. Mas, além disso, é importante manter o sentimento de empatia nos momentos de abordagem e apuração. (Informação verbal) O sentimento de sensibilidade e o tato no repórter ao entrevistar e transmitir a informação são essenciais.

3- A SENSIBILIDADE NA ABORDAGEM DO CORRESPONDENTE

No livro “Os meninos da caverna”, o jornalista Rodrigo Carvalho relata suas experiências ao cobrir o caso dos doze meninos e o técnico, de um time de futebol, que ficaram presos em uma caverna na Tailândia por dezoito dias. O jornalista conta que o imaginário conversava com a realidade o tempo inteiro. Depois de um dia longo de trabalho na cobertura desse caso, no hotel, alimentado, no conforto na cama, sua cabeça não parava, sempre voltada para a caverna e se perguntando se eles estavam bem, se estavam conseguindo dormir, se pensavam na morte.

A empatia do Rodrigo é evidenciada na forma como ele se identifica e se preocupa com os personagens: “Colocar-se no lugar dos meninos era uma forma de visitar medos e angústias, de sofrer com eles, por eles, e de dormir imaginando o pesadelo de acordar e ter que contar ao Brasil que um dos garotinhos tailandeses tinha morrido.” (CARVALHO, 2018, p. 23)

Segundo Rusky (2013), a maneira como o correspondente irá construir a matéria e levar o fato a sociedade é muito importante. Afinal, o factual será coberto por todos, provavelmente. Mas a forma de encarar o trabalho pode levar mais variedade e ineditismo ao jornal.

A jornalista Zélia Adghirni (2013), relata sobre a importância da presença do jornalista correspondente no local onde os fatos acontecem, porque vai além de servir de testemunho, mas ultrapassa a mera descrição dos fatos. A narrativa produz histórias que contém a singularidade do jornalista, sendo mais do que apenas uma descrição, mas uma maneira de pensar os fatos.

A dimensão de singularidade do olhar do correspondente se estende às relações que o jornalismo estabelece com a antropologia, com a história e com a literatura porque vão além do registro do instante jornalístico. Eles produzem sentido ao atribuir significados entre distâncias e culturas. (ADGHIRNI, 2013, p. 37)

A característica singular do correspondente se aflora através de sua narrativa, porque ele projeta expectativas, analisa, se envolve e se distancia para poder construir seus relatos. A voz do correspondente, por muitas vezes, influencia na relação do jornalismo com a história. (ADGHIRNI, 2013)

Durante a entrevista, o Rodrigo Carvalho relatou a emoção que é acompanhar os fatos e fazer uma cobertura de perto, principalmente no caso dos “meninos da caverna”, onde houve escassez de imagens e o relato do repórter foi o mais importante. A busca por informações, entrevistas; saber dos moradores locais o que estava acontecendo.

Mas era uma cobertura muito de campo, de temperatura e eu adoro fazer esse tipo de cobertura. E é isso, poder sorrir. Quando eu vi, eu “tava” derretido ali, ao vivo, sabe, me emocionando, uma coisa que não costuma acontecer, né, na nossa carreira; tá sempre cobrindo crise econômica, crise política, acidente, escândalos. E poder falar ali que, sabe, meninos tailandeses, de um time de futebol... tinham vários elementos, sabe; dos javalis selvagens, era uma coisa que navegava assim, numa coisa muito positiva. E, no momento, nesse baixo astral que a gente vive já há alguns anos, à rigor, tem sido uma história que fez com que pessoas do mundo inteiro se preocupasse por meninos, lá do norte da Tailândia, uma cidadezinha desse tamanho, sabe; e se preocupar com o outro. Então poder fazer uma cobertura dessa e, principalmente, poder, no final das contas, abrir um sorriso e dizer que deu tudo certo... isso é muito raro; e no lugar com uma cultura completamente diferente, com esse desafio da língua. (LESSA, 2020, p. 31)

De acordo com Emerin e Brasil (2011), as grandes coberturas são formadas por fatos de maior relevância e abrangência para a sociedade, geralmente notícias que mexe com a rotina das pessoas, que geram interesse e viram temas principais na sociedade. No telejornalismo as imagens são fundamentais, além dos factuais, as notícias do dia. Para tanto, nessa cobertura no país asiático, Rodrigo Carvalho precisou conhecer as riquezas dos fatos e aproveitar as imagens feitas pelo cinegrafista e agências. “Não podemos escrever uma palavra que seja sem conhecer as imagens, ignorando-as. Temos de levar em conta que estamos trabalhando primordialmente com a imagem. sem ela estaremos fazendo rádio, revista ou jornal”. (PATERNOSTRO, 2006, p.84). Conforme autora, a aproximação com o telespectador pode ser feita com o tom de conversa. Durante a cobertura na Tailândia, a emoção do Rodrigo Carvalho fez esse papel. Diante de tantas notícias ruins, as boas notícias trazem felicidade ao coração do repórter:

Passei boa parte da cobertura com cisco nos olhos, adorando ser o mensageiro de uma história com final feliz, cheia de significados. Em 2010, tive a sorte de cobrir outro resgate do qual não se esquece: os dos 33 chilenos que passaram 69 dias vivos embaixo da terra, no Deserto do Atacama, lugar que nunca saiu de mim. Este repórter recém-formado jurava que nunca mais teria uma história como aquela pra contar. O melhor dos enganos. (CARVALHO, 2018, p.108-109)

Além desses momentos vivenciados na cobertura dos meninos da caverna, o Rodrigo evidenciou algumas características importantes – e necessárias – para a atuação de um correspondente internacional, que será abordado a seguir.

4- PERFIL DO CORRESPONDENTE INTERNACIONAL: JORNALISTA RODRIGO CARVALHO

Como complemento a esse estudo, foi realizada uma entrevista com o correspondente internacional da Globo News, Rodrigo Carvalho, que, atualmente, está baseado em Londres. No decorrer da entrevista, o jornalista expôs diversos pontos relacionados a carreira de correspondente internacional, desde o processo de formação até o perfil de um jornalista que pretende seguir nessa área, que será o tema abordado nessa parte do artigo, com as impressões do Rodrigo no decorrer do texto.

O jornalista cobria a Copa do Mundo na Rússia, quando foi enviado para a Tailândia (após a derrota do Brasil), para dar apoio na cobertura do resgate dos meninos da caverna. (Informação verbal). No decorrer de toda entrevista, foi possível extrair pontos importantes e que fazem parte da rotina de um correspondente.

4.1 - Mobilidade

Segundo Rusky (2013), o correspondente internacional tem a responsabilidade de cobrir uma gama de assuntos bem variados. A especialização em um seguimento é bem complicada, como é o caso da economia, política e, também, do jornalismo internacional, em que implica cobrir pautas diversas e nem sempre no mesmo país. Um correspondente baseado na

Europa, por exemplo, pode precisar se locomover para um país vizinho, já que a proximidade permite essa facilidade.

Como foi o caso do Rodrigo nesta cobertura em específico, mas que acaba sendo uma possibilidade bem corriqueira, como ele mesmo expõe. Por vezes há a necessidade de se locomover para países vizinhos, como França, Alemanha, para fazer coberturas políticas, de manifestações, protestos. Havendo, então, a necessidade de estar atento as notícias ao redor do mundo, acompanhando, por vezes, os noticiários desses países que ele pode precisar ser enviado para fazer cobertura.

4.2- Solidão (seguir a intuição)

Agnes (2014) afirma que o correspondente internacional tem características próprias em sua rotina de trabalho, que são diferentes dos colegas de redação, que sofrem um forte impacto das tecnologias de comunicação. O correspondente não participa de momentos cruciais da rotina diária de um jornal, como pauta e fechamento da edição, por exemplo. Além disso, não tem contato diário com colegas de redação, troca de ideias e nem *feedback* imediato de superiores. Devido ao fuso-horário, está deslocado da dinâmica que acontece no país de origem – ora adiantado, ora atrasado – e, por conta disso, quase sempre trabalha por jornadas longas.

Como o próprio Rodrigo afirma, na realidade atual, está cada vez mais necessário que o repórter seja multitarefa. Por diversas vezes o correspondente se encontrará sozinho, principalmente no sentido profissional. O Rodrigo explica a importância de estar atento ao que pode ser notícia, já que, como correspondente, ele produz o conteúdo, faz as apurações e passa para a emissora o que pode ser interessante transmitir no telejornal.

4.3- Instinto de repórter

Fazendo ligação com o ponto anterior, além de seguir a intuição, é importante que o repórter siga o seu instinto como ponte da informação. Ao relatar sobre a cobertura dos meninos da caverna, o Rodrigo Carvalho conta que não havia muitos recursos de imagem e a informação era, basicamente, o que foi apurado

e era contado pelos repórteres. Olhar os detalhes foi essencial, como, por exemplo, todo o cenário acerca do resgate, onde ele mostrava os moradores acolhendo as famílias e jornalistas que estavam próximo a entrada da caverna. Entre os anos de 1980 e 2004, ocorreram mudanças e transformações no perfil do profissional expatriado. Natali (2004) define não se tratar mais de uma personalidade da mídia brasileira na qual valorizam seus conhecimentos sobre determinado assunto, ou sobre a política internacional e a sua capacidade de emitir opiniões, trata-se bem mais de um repórter. Não tem mais a mesma exigência de desenvolver textos opinativos, como se fosse uma espécie de colunista sediado em um país estrangeiro. No entanto, há uma exigência maior em narrar fatos que ele tenha apurado.

4.4 - Didatismo (função da reportagem)

Rodrigo Carvalho reafirma essa abordagem de Natali (2005) e, ainda complementa, ao falar sobre a naturalidade de se cobrir fatos em seu país de origem. Ao cobrir casos e fazer matérias no Brasil, principalmente quando se é um repórter experiente, as informações surgem naturalmente ao explicar certos termos, por exemplo, porque está tudo muito internalizado.

[...] a situação política, é muito natural pra você explicar o que é o STF, qual é o papel do STF, qual o papel da Câmara dos Deputados, o que é Alerj no Rio de Janeiro, só para dar uns exemplos banais assim. Quando você tá aqui fora, não basta você saber qual é a tradução daquilo, você tem que colocar que, enfim, “que é o equivalente ao Supremo Tribunal Federal no Brasil”, entende o que eu quero dizer? E isso, sim, eu acho que exige mais pesquisa, exige mais horas de trabalho, no processo ali de feitura de uma matéria, entende? (LESSA, 2020, p.34)

O jornalista demonstra a importância da pesquisa e ambientação com o tema que será exposto na matéria, para que seja possível levar a informação ao telespectador da forma mais didática possível. Essa forma de conduzir a reportagem permite que o telespectador compreenda o que está sendo dito de forma “traduzida” com a realidade do seu país.

4.5- Tempo de compreensão da realidade

É necessário um período de tempo para compreender e aprender sobre a sociedade onde o jornalista está, mas é importante manter o foco na imparcialidade e lembrar para quem está sendo produzida a notícia. É normal que um jornalista se familiarize demais com o ambiente onde está residindo, mas não permitindo que interfira na notícia:

Ele (o correspondente) tem que traduzir a realidade do país em que está e fazer o máximo possível de comparações que permitam às pessoas identificar o que está acontecendo com os referenciais que estão acostumadas a usar aqui em casa. O correspondente não pode, de maneira alguma, perder o contato com o seu país. (UTZERI, 1989, p. 3)

De acordo com Fritz Utzeri, um jornalista só começa a entender bem um país e noticiá-lo de fora ideal após aproximadamente 3 anos:

O primeiro ano é um ano de construção, não se sabe de nada. No segundo, já se começa a ficar à vontade, e o terceiro é o ano em que, efetivamente, a pessoa já é conhecida, já tem um alentado caderninho de endereços. (UTZERI, 1989, p. 2)

O tempo de permanência do correspondente no país para onde foi enviado faz toda a diferença para manter o olhar “fresco”, o olhar de estrangeiro.

Pra citar um exemplo, aqui do Reino Unido, entender como é que se dá os debates ali do parlamento e se acostumar com as figuras políticas e ter vivência, que a gente falou, de circular bem pelo país, que você vai ganhar uma cancha ali, né, você vai ganhar um repertório e vai conhecendo melhor país. Mas, assim, objetivamente, sim, eu acho que tem que ser tempo limitado, mas não pouco tempo; um tempo que seja suficiente para você, também, adquirir uma experiência ali. Isso ajuda também na credibilidade de quem tá assistindo, né, “pô, aquela fulana ali, beltrano, tá lá há um tempo, né”, tem uma coisa ali. Então eu acho, vamos botar assim, talvez, imaginar aqui... 5-6 anos seja um tempo razoável por lugar, sabe? Porque aí você continua com esse olhar fresco, mas, ao mesmo tempo, você tem tempo para criar uma intimidade com elementos culturais e políticos do país, entendeu? (LESSA, 2020, p.36)

É importante delimitar um tempo de permanência, mas não pouco tempo, porque, ao mesmo tempo que, ficar tempo demais pode interferir no frescor do olhar estrangeiro, ficar pouco tempo pode não ser interessante, é o que define o Rodrigo Carvalho, porque o correspondente precisa de alguns anos para criar intimidade com o país, com a política e os ritos.

5- CARACTERÍSTICAS NECESSÁRIAS PARA ATUAÇÃO DE UM CORRESPONDENTE INTERNACIONAL

Além dessas características básicas, de ser um bom repórter e bem informado, Rodrigo Carvalho (informação verbal) expõe que existem questões que são fundamentais:

a) Línguas - quanto mais melhor – independente do idioma, sempre será bem vindo em uma cobertura, porque pode ajudar na hora de uma entrevista. Idiomas básicos como inglês e espanhol, são importantes, mas, se quiser aprender outros idiomas, também poder ser úteis.

Uma dúvida que eu tinha na época de faculdade, era: “Caramba, mas será que se eu aprender alemão, ou italiano, vai me servir?”. Primeiro, vai te servir na vida pessoal, você vai aprender uma língua nova..., enfim, isso é muito rico, você vai se envolver com a música daquele lugar, com leituras daquele lugar. Beleza. Mas, estando aqui, se eu falasse alemão e italiano, para dar dois exemplos, eu teria usado várias vezes já. É isso, porque, com frequência, uma matéria, você precisa entrevistar alguém na Alemanha, sobre eleição na Alemanha ou sobre o perfil de Angela Merkel; você quer entrevistar uma fonte local, claro que você pode fazer em inglês, mas vai ter um prejuízo ali, né, em alguma medida ali, no conteúdo. (LESSA, 2020, p.37)

b) Interesse por noticiário internacional – É interessante, desde a faculdade, eleger um país para acompanhar a rotina, a política, os acontecimentos. Mas esse é um interesse que pode também ser trabalhado com uma pós-graduação, um curso de relações internacionais, MBA, etc.

Essas noções são importantes em todo o processo jornalístico, desde a apuração até a edição de uma matéria. Um correspondente com conhecimentos sobre aspectos estratégicos de um país pode apurar fatos com mais precisão,

pode recorrer a fontes importantes que um apurador, profissional responsável pela apuração, não tendo essas informações, deixe passar ou considere irrelevantes. (BRITTO, 2003, p.8)

c) Interesse por outras culturas – Pesquisar, se entusiasmar com outras culturas, querer conhecer e enxergar as possibilidades de viajar o mundo para fazer matérias, estar em contato com outras culturas e não permanecer na zona de conforto.

Pode parecer meio básico, né, porque, para mim, é muito básico. Tipo, eu amo isso, tipo, “como alguém pode não gostar disso?” Mas nem todo mundo gosta disso, nem todo mundo gosta, porque acho que sai da zona de conforto, porque fica inseguro, se assustam, tipo, não quer, ou sei lá. Então, assim: interesse por outras culturas, falar outras línguas, interesse pelo noticiário internacional, se puder, fazer algum curso de extensão em relações internacionais, se tiver oportunidade. E, assim, tendo oportunidade, privilégio também, viajar, não como jornalista, mas ter o interesse por conhecer outras culturas; pode estar nas suas férias, sabe, América Latina, como as minhas primeiras férias foram pela América Latina e foram muito importantes para mim, essa visão... entende? Eu adorava passar em banca de jornal e ver o quê que era o noticiário ali, entende? Ter esse interesse. (LESSA, 2020, p.37)

d) Conexão com o factual ou noticiário brasileiro - a boa pauta de internacional, é aquela que dialoga com o que está acontecendo ou o que o Brasil está discutindo no momento. Porque, quando o repórter narra o que está acontecendo, fazendo referência, muitas vezes direta, com o Brasil, aprimora o “peso” da matéria; fica mais rica. “Isso vai levar a matéria pra um outro lugar, porque é isso, eu trabalho pra um veículo brasileiro, então não pode sair do radar em nenhum momento.” (Informação verbal)

Dentro desse conhecimento geral pode estar inserido o entendimento sobre o próprio país, a história, as características socioculturais, inclusive para fortalecer aquilo que é citado exhaustivamente na bibliografia sobre o tema: o olhar nacional sobre os fatos. (AGNES, 2014, p. 235)

Como afirmou o Rodrigo Carvalho, as características básicas são muito importantes, antes de tudo. E é o que expõe Agnes (2014), ao definir a importância de ser um “bom repórter”, ser curioso, o exercício da apuração, ter

“faro” por boas notícias. Porque ele vive disso, de investigar e encontrar histórias em uma região onde não é natural, como fontes limitadas, sem equipe que ajude no processo de produção. E, além disso, antes de toda cobertura, existem preparações importantes e necessárias.

6- PREPARAÇÃO PARA FAZER COBERTURAS

Ao fazer uma cobertura, torna-se necessário fazer algumas preparações, principalmente quanto ao planejamento. É importante analisar a logística de tempo e deslocamento até o local da cobertura; a relação entre a linha editorial e o público-alvo do veículo de comunicação; além da interação referente ao tema que será noticiado. (BATISTA, 2007) Segundo o entrevistado Rodrigo Carvalho, algumas vezes serão coberturas datadas, com dia certo para se direcionar para outro país, mas, outras vezes, serão necessidades repentinas. Quando há a informação prévia, é possível se preparar meses antes.

Ainda que eu não estivesse durante a preparação, não tenha feito muitas matérias, assim, sobre eleição na França, porque tinha correspondente lá, eu fui pra lá para reforçar a cobertura; eu já me envolvi muito com o noticiário. Você já vai até adiantando o texto, sabe, de perfil de candidatos, para você já ir construindo esse repertório para reportagens gravadas e pra entradas ao vivo. Esse é o melhor dos mundos. Você se programa, você tem tempo até para ler livro, se quiser; assinar, sabe, um determinado jornal para acompanhar um pouco mais. Agora, muitas coberturas são em cima da hora, né. (LESSA, 2020, p.38)

O benefício da tecnologia veio para auxiliar, descentralizar e mudar a forma como as redações podem e exigem saber o que está acontecendo no mundo (AGNES, 2014). Assim, o repórter incorpora novas funções, como editor e produtor, diante do fato que vai relatar.

7 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na década de 70 com advento da televisão, o Brasil iniciou um processo de crescimento na manutenção de correspondentes internacionais. O

telejornalismo evoluiu rápido, ficou mais moderno, mais tecnológico, com cenários, estruturas melhores, tudo para possibilitar que o telespectador tivesse acesso a informações de qualidade. O que faz diferença na notícia, claro, é o audiovisual, que chama a atenção e fideliza o telespectador.

É nítido que a presença do repórter no local possibilita novos olhares, novas abordagens, novidades não encontradas em outros jornais, muito mais liberdade na produção da notícia. Uma agência de notícias replica a mesma informação para seus associados, então acabam todos veiculando a mesma abordagem.

Diante da bibliografia consultada é possível compreender também, conforme Natali (2005), que os assuntos que são de grande relevância na veiculação internacional, sejam do início até a atualidade, são aqueles que geram grande impacto, como guerras, tragédias, pandemias. O que, querendo ou não, prende a atenção do público, que passa a entender que a tranquilidade ao seu redor, pode não ser o vivenciado em outros lugares.

Na execução da reportagem não existem padrões na escrita, mas, sim, as ideias e intuições do repórter, na escolha da abordagem, no ponto de vista, sem deixar de lado o compromisso com a veracidade dos fatos. Além de todo o profissionalismo, é necessário ter sensibilidade com a história do outro, principalmente em matérias que trazem acontecimentos difíceis, envolvendo famílias, situações dolorosas. Não se pode tratar de qualquer jeito, sem se importar com a dor das pessoas. O repórter precisa desenvolver a empatia e humanidade, demonstrando que está fazendo o seu trabalho, mas não quer ser invasivo, respeitando o espaço do outro.

Ser correspondente/ enviado especial é viver outro nível de atuação no jornalismo, em que se deixa de lado tudo o que conhece ou vivenciou em sua nação, para embarcar em outra realidade e abraçar a cultura, o idioma e os detalhes encontrados nos mais diversos países. Existem perfis pré-definidos do que é “necessário para ser um correspondente”, porém devo ressaltar que é importante ser transparente e excelente contador de histórias.

Durante a entrevista com o correspondente Rodrigo Carvalho foi possível captar cada um desses pontos quando ele aborda as coberturas já feitas, demonstrando que um correspondente não é mais “apenas repórter”, é um profissional completo. Dessa forma, nos deparamos com o acúmulo de funções

desse profissional nas atividades diárias em sua base, ou em uma cobertura em outro país.

Além disso tudo, é importante que o correspondente tenha um olhar global nas coberturas, como foi o caso dos meninos da caverna, com repercussão mundial, em que todos estavam torcendo pela saída deles. A forma como explicou todo o processo do resgate, de forma didática e simples, facilitou a compreensão da notícia.

REFERÊNCIAS

ADGHIRNI, Zélia Leal. **A pluralidade do mundo na visão singular do correspondente internacional**. Intexto, Porto Alegre, UFRGS, ed. 28, p. 32-52, 1 jul. 2013

AGNES, Luciane F. **Identidade profissional no jornalismo brasileiro: a carreira dos correspondentes internacionais**. Tese (Doutorado em Comunicação) Programa de Pós-graduação em Comunicação, Universidade de Brasília, julho de 2014.

ALMEIDA, Clarisse de M. e [et al.] ; [revisão técnica: Marcus Paulo Spohr]. **Telejornalismo I**. [Recurso eletrônico] Porto Alegre, Sagah Educação S.A, 2018. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788595028340/> Acesso em: 13 Aug 2020

BATISTA, Cicélia Pincer. O papel do planejamento de cobertura na produção da notícia. **SOPCOM: Comunicação e Cidadania**, Braga, 8 set. 2007. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/229405219.pdf> Acesso em: 26 out. 2020.

BRITTO, Denise Fernandes. O papel do correspondente internacional na editoria exterior. **Portcom**, Belo Horizonte, p. 1-15, 2003. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/53839095583440982036530148915888169975.pdf>. Acesso em: 29 out. 2020

CARVALHO, Rodrigo. **Os meninos da caverna**. 1. ed. Rio de Janeiro: Globo, 2018. 175 p.

EMERIM, Carlida; BRASIL, Antônio. **Coberturas em telejornalismo**. In: XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2011, Recife. Anais. Recife: Intercom, 2011.

LESSA, Gabriela Viana Ferreira. **Rotina de um correspondente internacional na cobertura de uma tragédia: um estudo de caso do resgate dos meninos da caverna**. 2020. Monografia (Curso de Jornalismo) - Centro Universitário Fluminense, Campos dos Goytacazes, 2020. p. 31-38

NATALI, João Batista. **Jornalismo Internacional**. São Paulo: Contexto, 2004. 127 p.

PATERNOSTRO, Vera Íris. **O Texto na TV: Manual de Telejornalismo**. Rio de Janeiro: Elsevier, 1999. – 15ª reimpressão.

PATERNOSTRO, Vera Íris. **Globo News:10 anos, 24 horas no ar**. São Paulo: Globo, 2006. 446 p.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo: Porque as notícias são como são**. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2005. 224 p. Disponível em: <https://alexandraaguirreucb.files.wordpress.com/2018/04/traquina.pdf> Acesso em: 3 ago. 2020

RUSKY, Regina S. **O perfil e a rotina de correspondentes internacionais**. 2013. 46 p. Monografia (Bacharel em Jornalismo) - UNB, Brasília, 2013. Disponível em: https://www.bdm.unb.br/bitstream/10483/5057/1/2013_RenataSilveiraRusky.pdf . Acesso em: 2 jul. 2020.

UTZERI, Fritz. Do outro lado do mundo. In. RITO, L.; ARAÚJO, M. E.; ALMEIDA, C.J. M. de; **Imprensa ao vivo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1989, p. 145-162.